O imaginário do mar na constituição da identidade portuguesa

Júlia Tomás*

"Mar,

Metade da minha alma é feita de maresia."[1]

O mar representa a expressão dos sentimentos: tanto da serenidade como da cólera, tanto da esperança como da angústia, tanto da felicidade como da tristeza. O mar provoca o sentimento de medo porque representa a imensidade, o poder da natureza, da força cósmica e da glória divina. Os oceanos são a expressão do perigo (através das imagens de monstros marinhos e de tempestades) mas também da sedução (o sonho de riquezas exóticas, de terras desconhecidas, de liberdade). Portugal, pelo seu passado épico da época dos Descobrimentos, está intimamente unido ao imaginário marinho. Após uma breve análise, é fácil notar a importância real deste tema na cultura portuguesa cujo perfume é o da maresia e cujo sabor é o do sal. Em suma, os portugueses sentem o mar.

As representações deste espaço lendário constituem uma tradição e uma memória comum no imaginário coletivo presente na *"Casa Lusitana"*[2]. Tendo em conta que as produções do imaginário, das fantasmagorias de uma comunidade humana, representam o que somos e o que fomos, uma análise profunda da *rêverie* do mar revela-se incontornável para compreender a existência do povo lusitano. A nossa reflexão sobre a temática do mar enquadra-se nas estruturas antropológicas do imaginário do sociólogo e antropólogo francês Gilbert Durand (1969). Este autor aborda as construções do imaginário de um ponto de vista social e poético, baseado nas narrativas históricas e míticas que edificam a identidade coletiva de um povo. Ao pôr em evidência certas estruturas de pensamento comum a toda a humanidade, Durand demonstra a importância do imaginário para a construção social da realidade atual.

Os objetivos do nosso estudo são, por um lado, refletir a partir de um pensamento de cariz hermenêutico sobre o tema do mar, sendo este profundamente enraizado na existência portuguesa e cujo sentido assume uma expressão simbólica, e por outro lado estabelecer os pontos de ligação de relevância assinalável entre este tema e a construção antropológica do imaginário segundo G. Durand. Por outras palavras, numa primeira fase, propomos não só uma classificação dos vários arquétipos marítimos (monstros, deuses, heróis, ilhas fabulosas, águas perigosas, o Outro – piratas e selvagens – tesouros), como também uma análise dos temas-chave particulares ao imaginário português (memórias do império, o abismo depois do horizonte, as trevas do Atlântico, a morte, a vitória sobre o mar, o movimento perpétuo, saudade e esperança). Numa segunda fase, adequamos estas imagens e símbolos a uma estrutura antropológica existente para revelar o que o povo português partilha com todos os outros povos marítimos.

---

* CECS – Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

[1] Tavares, M. A. S. (2001) " Atlântico" in *Mar – Poesia de Sophia M.B. Andresen – Poética do Espaço e da Viagem*, Lisboa: Caminho, p. 9.

[2] Camões, L. (1572) *Os Lusíadas*, Lisboa, Editora Figueirinhas, Canto VI.